

Convocação da VIII Conferência Nacional

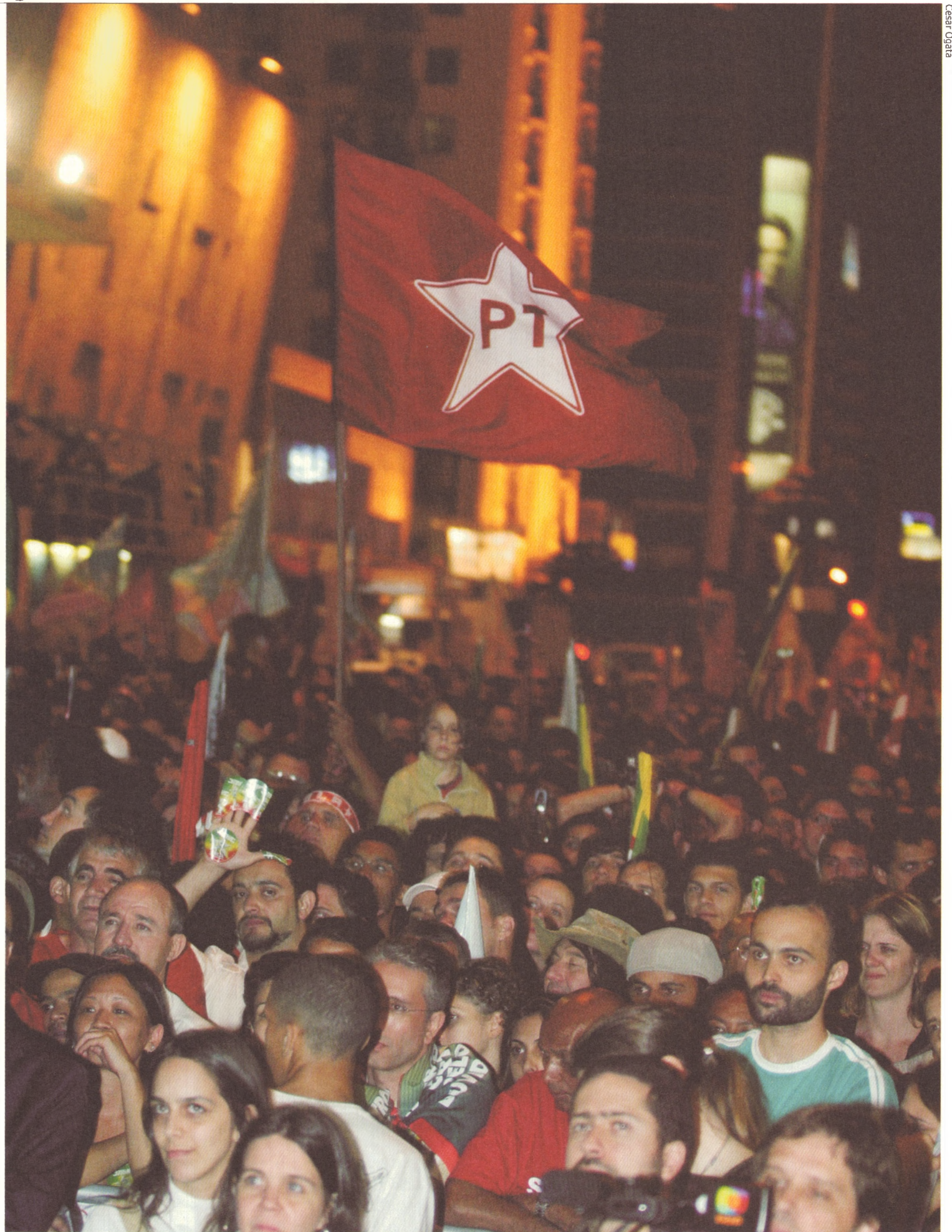
Depois da vitória espetacular do presidente Lula em 2006, uma tarefa fundamental se coloca para todos nós, petistas. Trata-se da preparação do III Congresso Nacional de nosso partido, convocado para 6, 7 e 8 de julho de 2007.

Passamos, nos últimos anos, momentos de tristeza, abatimento e reflexão. Mas nos levantamos, reagimos, clareamos nossas avaliações e, de certa maneira, adiamos os balanços necessários que se acumulam nos 27 anos do PT. Enfrentamos, com sucesso, o processo eleitoral, demonstrando ao país que o PT continua merecendo da população o respeito e o apoio. Mas nem por isso podemos escamotear os nossos problemas e desafios. O que houve conosco? Como foram possíveis tantos vendavais, como os acontecidos em 2005? Aonde vamos? O que queremos nos próximos 4 anos do segundo mandato do presidente Lula? E o modo petista de governar? E o nosso projeto estratégico? E o crescimento quantitativo de nosso partido, o abandono da formação política e dos debates programáticos parecem nos ter conduzido a uma situação de descontrole dos rumos do PT, de desbotamento dos nossos objetivos estratégicos.

Para nós, da DS, o PT continua sendo o partido da esperança do povo brasileiro, o partido da nossa aposta para conduzir as transformações sociais tão urgentes em nosso país. Por isso, estamos nos preparando para formular nossa contribuição ao III Congresso. O primeiro desafio foi o de ampliar a nossa tendência. Construímos laços políticos e relações com inúmeros grupos regionais, personalidades e dirigentes partidários, com o objetivo de integrá-los a uma DS ampliada e renovada. O segundo desafio será o de buscar, dentro do PT, os parceiros para a tarefa de refundar ou reconstruir o nosso partido. Refundar quer dizer: reconstruir com base nos fundamentos que originaram o partido, atualizando-os às novas tarefas.

É urgente retomar a elaboração política, abandonada desde o 7º Encontro Nacional do PT, sobre o nosso projeto socialista. É imprescindível definirmos com clareza o que queremos transformar no Brasil nos próximos quatro anos. Por último, é essencial reestruturar o partido, rompendo com os vícios constituídos nestes últimos anos.

Para enfrentar estes desafios e contribuir com esta refundação/reconstrução partidária,



César Ogata

No centro da disputa. Conferência Nacional da DS tem na pauta o PT e o socialismo.

Este **Jornal Democracia Socialista - Em Tempo**, edição especial, traz textos preparatórios da VIII Conferência Nacional da Democracia Socialista, tendência interna do Partido dos Trabalhadores. O primeiro texto - "Uma Nova Conjuntura Nacional" - foi publicado em dezembro e também está disponível na página da DS na internet (www.democraciasocialista.org).

Marcada para 2 a 4 de março de 2007, nossa Conferência Nacional será precedida por Conferências Estaduais ou Regionais. Para participar da conferência no seu estado, o/a militante precisa ser filiado ao PT, participar de suas atividades e estar em dia com seus

deveres partidários (incluído a contribuição financeira); participar do processo de discussão da Conferência e estar em dia com sua contribuição financeira com a tendência. Visto isso, participam da Conferência Nacional os delegados e delegadas eleitas/os nas Conferências Estaduais na proporção de 01 delegado/a para cada 20 militantes, além de observadores/as e convidados/as.

A Conferência conclui o processo de unificação entre a DS e coletivos socialistas e se insere no processo de debates abertos pelo III Congresso do nosso partido.

Boa leitura e uma conferência exitosa!

a DS realizará sua Conferência Nacional nos dias 2 a 4 de março próximo, quando debatemos as teses que iremos defender no III Congresso Nacional do PT, com a participação de to-

dos os que conosco pretendem preparar esse Congresso.

Dessa forma, convocamos todos e todas as militantes da DS, dos grupos regionais agregados, personalidades e diri-

gentes partidários que compartilham das mesmas preocupações, a prepararem a nossa Conferência Nacional. Para nós, trata-se de um momento ímpar para darmos nossa contribui-

ção ao presente e ao futuro do nosso partido.

**Coordenação Nacional da Democracia Socialista
Janeiro de 2007**

Tendência Democracia Socialista do PT

Conferência Nacional. Identidade política e programática, organização e construção.

1 A Democracia Socialista é uma tendência do Partido dos Trabalhadores. Ela organiza militantes do PT, em acordo com o direito de tendência do partido, para lutar pela sua construção como um partido socialista, democrático, internacionalista, feminista e anti-racista, eco-socialista, defensor da ética pública e do republicanismo; o que implica numa plataforma pela reconstrução/refundação socialista do PT.

2 A Democracia Socialista completa, nesta VIII Conferência Nacional, o processo de unificação com as correntes *Construção: Democracia e Socialismo*, *Alternativa Socialista*, *Movimento Socialista* e outros agrupamentos petistas. Somos um coletivo em torno a um projeto estratégico para o partido com referências programáticas que definem nossa identidade. A construção da tendência é um processo combinado com a construção do PT; é fruto de uma história de contribuições essenciais à construção do PT, que reafirmamos nesta Conferência.

3 Essa história e os debates em curso hoje atualizam referências fundamentais da nossa identidade como corrente petista:

a) a concepção de *democracia socialista*, expressão de uma visão radicalmente democrática da superação histórica do capitalismo pelo socialismo. Ela advém da nossa leitura crítica das experiências de transição socialista (centradas no regime de partido único, na fusão do Estado com o partido, na ausência de desenvolvimento da auto-organização e da democracia direta), das experiências contraditórias e muitas vezes limitadas de superação do neoliberalismo (em particular, na nossa América e no Brasil) e das experiências de participação popular e democracia participativa em nossos governos no Brasil (tanto



César Ogata

pelos seus aspectos virtuosos como pelos seus limites).

A luta pela democracia participativa deve se fazer presente em todos os momentos da atuação política dos socialistas; no exercício dos governos, nos parlamentos e movimentos sociais, devemos impulsionar a ampliação da participação direta na condução do Estado e organizações sociais. Para os socialistas, a defesa da participação e do controle popular tem, portanto, um alcance estratégico, pois permite articular as reivindicações dos oprimidos, a demonstração dos limites da sociedade burguesa e da democracia realmente existente em nosso País à luta por uma sociedade socialista.

O socialismo deve ser, ele próprio, uma construção democrática e pluralista, realizada pelas maiorias através da participação popular. A democracia participativa é um processo de apropriação e transformação do poder pelas maiorias. É também

um processo de superação de um vício comum às experiências de governos de esquerda, que é o substitucionismo, a desconfiança da participação popular, a idéia de que o partido resolve tudo e de que a conquista de governos é um fim em si mesmo.

Não há socialismo sem democracia e não há democracia sem socialismo!

b) a concepção *internacionalista*, que expõe uma visão radical de superação do capitalismo como um processo universal. Ela advém da crítica ao conceito e à experiência do outrora chamado "socialismo num só país" e das experiências, sobretudo atuais, de construção de movimentos sociais e políticos internacionalistas. Ela se insere nos marcos das relações internacionais do PT e busca desenvolver, de forma plural, uma perspectiva socialista e democrática para o internacionalismo nos processos reunidos em torno ao Fórum Social Mundial, ao Foro de São Paulo e às demais experiências

de esquerda, em particular na América Latina.

O debate sobre um "internacionalismo para o século XXI" deve recuperar os valores e a herança positiva das quatro internacionais, mas também deve fazer um balanço dos seus erros. Deve identificar os novos atores hoje existentes, assim como aqueles que sobreviveram à crise do socialismo real e que buscam um novo espaço de organização. Deve, sobretudo, ser capaz de impulsionar um internacionalismo aberto e plural, estreitamente vinculado às lutas em curso. Ao mesmo tempo, deve estar aberto a compreender e dialogar com uma diversidade de caminhos e tentativas de processos de transição e de resistência nacionais (e mesmo regionais).

Uma discussão pertinente é a de qual seria o grau desejado de internacionalização e coordenação do desenvolvimento pós-capitalista – o que, necessariamente, inclui uma crítica

frontal à globalização capitalista, e, que, portanto, exclui uma solução aritmética como mudar apenas o comando e o sinal para termos uma "globalização socialista".

Somos de uma tradição do movimento socialista que tem no internacionalismo um de seus valores estratégicos constitutivos. Nossa luta deve ter objetivos comuns no mundo todo. A fraternidade universal dos povos é um valor a ser perseguido. Um projeto pós-neoliberal, para ser coerente, necessita ter a perspectiva socialista e internacionalista.

c) o *feminismo*, a *igualdade racial* e o *combate a todas as formas de discriminação e opressão*. Nossa concepção socialista incorpora a compreensão de que não há socialismo sem feminismo, nem feminismo sem socialismo. A luta contra a opressão das mulheres e combate às práticas machistas, inclusive na esquerda, é parte de nosso programa e dos desafios cotidianos para nossa

Assinaturas Preencha a ficha abaixo e envie junto com cheque nominal para ICEF - IA. Rua Albuquerque Lins, 635/91 - Sta. Cecília - São Paulo/SP - CEP 01230-001. Se preferir, faça depósito para ICEF-IA, Banco do Brasil, Ag. 3326-x, CC. 7680-5, CNPJ 04891401/0001-30 e envie os dados do cupom, juntamente com o comprovante, por e-mail ou fax. Fone/Fax (11) 3666.5550 e 3667.3476. contato@democraciasocialista.org.br.

JORNAL DEMOCRACIA SOCIALISTA

MINHA OPÇÃO DE ASSINATURA: NORMAL: 50,00 APOIO: 100,00 APOIO: 150,00

NOME:

ENDEREÇO:

BAIRRO:

CEP:

CIDADE:

UF:

FONE:

E-MAIL:

Democracia Socialista

Democracia Socialista é o jornal da Democracia Socialista, Tendência do Partido dos Trabalhadores, publicação do Instituto de Comunicação, Estudos e Formação Isaac Akcelrud

Equipe editorial:

Nalu Faria, Caio Galvão, Carlos Henrique Arabe, Juarez Guimarães, Lúcio Costa, Robinson Almeida e Waldemir Catanho

Editor:

Carlos Henrique Arabe

Editores assistentes:

Alessandra Terribili

Projeto gráfico e diagramação:

Caco Bisol

Jornalista Responsável:

João Brant - Mtb 33.748 DRT/SP

Internet:

Marcelo Fragozo

Fechamento: 06/fevereiro/2007

Visite a página da DS

www.democraciasocialista.org.br

militância. Assim como é parte de nosso projeto o combate a todas as formas de opressão: a DS reconhece e reafirma a importância da construção do movimento de mulheres, bem como do movimento negro, do movimento GLBT. É a partir dessa auto-organização que se garantirá um efetivo movimento de liberação e se constituirão como parte do sujeito histórico de transformação.

d) o *eco-socialismo* integra nossa concepção socialista. Ele advém das lutas contra a destruição permanentemente produzida pelo capitalismo e também da ausência ou limitação de uma dimensão ambientalista nos processos de transição socialista. Tem sua origem também na crítica ao culto ao progresso, que aniquila as indagações fundamentais de para quê, para quem, como e a qual custo esse progresso se desenrola.

e) a defesa da *ética pública e do republicanismo*, que expressa uma parte essencial da resposta necessária aos descaminhos recentes do partido e às práticas de corrupção generalizadas no nosso país. Essa dimensão é inseparável da concepção de democracia socialista e de uma concepção de partido que luta pela conquista do poder político não para si, mas para o exercício da democracia republicana participativa. Ela advém da necessidade de combater a corrupção que grassa na sociedade burguesa e aquela que surge no interior das organizações e nas experiências que se reivindicam do socialismo.

Os movimentos socialistas não são isentos de deformações e de processos de corrupção. A integração ao Estado e à sociedade burguesa são riscos permanentes e significam perda da perspectiva socialista. Construir uma crítica no interior do nosso próprio movimento, enriquecer nosso programa com esse combate, são armas contra o liberalismo e a degeneração.

f) a *reconstrução/refundação socialista do PT*, plataforma que recupera os anseios socialistas da fundação do PT: um partido de militantes e combatentes sociais pelo socialismo. E que busca atualizar essa concepção de partido à luz da crítica ao desenvolvimento organizacional do PT desde a "contra-reforma" estatutária que centralizou administrativamente o partido e que tentou dissolver o conceito de partido militante e substituí-lo pelo de "máquina" eleitoral.

O PT nasceu para ser completamente diferente dos partidos políticos da esquerda tradicional e também de partidos progressistas que preenchem nosso espectro político-eleitoral. Enquanto essas agremiações foram formadas somente para disputar e exercer o poder governamental, o PT surgiu como expressão política de um vasto conjunto de movimentos

sociais, entidades de classe, correntes ideológicas para promover uma revolução social que encaminhe a sociedade brasileira a um futuro socialista.

O PT viveu uma crise de corrupção ética e programática, não apenas conjuntural e não apenas decorrente de desvios comportamentais ou de meros abusos de poder e de confiança. Decorreu de um modo de construção eleitoralista e adaptada ao Estado burguês, de afastamento das organizações de base e do mundo do trabalho. Sua superação não se dá apenas pela mudança da direção e da política, precisa revolucionar sua estrutura de poder e reencontrar seu programa socialista.

Refundar o PT significa restabelecer a ligação vital do partido com os movimentos sociais, com os sindicatos, as cooperativas e associações de trabalhadores, hoje comprometida pela insuficiente presença dos seus representantes nas instâncias de direção do partido. Refundar o PT significa devolver o poder de decisão dentro do partido aos militantes de base, que, em sua maioria, representam essas lutas. E instituir no partido um regime financeiro controlado pelos petistas e dependente,

predominantemente, de suas contribuições. Além de impedir a dependência, por parte do PT, do dinheiro fornecido por interesses estranhos, quando não opostos, às aspirações dos trabalhadores em luta, isso também significa restabelecer a vocação socialista do PT.

g) a *intervenção socialista na experiência do segundo mandato do governo Lula*, com amplas possibilidades de superação do paradigma neoliberal, que coloca de forma histórica inédita para a esquerda brasileira, em escala nacional e internacional, as tarefas de combinar o enfrentamento a partir de reformas sociais, democráticas e nacionais com valores e dinâmicas na perspectiva do socialismo democrático. Concebemos esta experiência, então, como parte de um largo período de lutas democráticas pelo socialismo, na qual devem se inscrever revoluções de valores que organizam a vida social, intensificação e aprofundamento das formas de participação, auto-gestão e controle social.

4 Junto com a reconstrução do PT, é preciso resgatar o sentido ideológico da militância socialista hoje. Nosso país, em conjunto com a América Latina,

vive um momento de nova politização popular. Vem-se formando uma consciência popular e democrática que clama por um PT socialista, democrático e de massas, renovado em suas perspectivas. Um PT que exerça o seu papel libertário e transformador não apenas no Brasil, mas que seja impulsionador de novas experiências na América Latina e no mundo. Sem dúvida, essa é uma tarefa que somente o PT pode, hoje, desempenhar.

Para que a nossa tendência contribua com esse processo, é preciso que ela própria seja um espaço de militância, de práticas coletivas e de respeito às decisões democráticas do partido e às que toma para intervir nos seus debates, de elaboração política e compromisso com a prática da transformação socialista. Para que tenha coerência e que tenha força na defesa de suas propostas para o partido, é preciso que a tendência coloque em prática o que defende para o partido. Isso nem sempre é uma tarefa fácil, pois a tendência não é um corpo separado do partido – e, portanto, não é alheia aos problemas que, como um todo, este sofre – mas esse é um desafio permanente na construção combinada do

partido e da tendência. A utopia socialista não se refere "apenas" à sociedade que queremos, mas também, às maneiras de lutar por ela.

Esse sentido geral da nossa militância é fundamental no atual momento de reconstrução do PT. Ele deve ser imprimido na ampliação do partido para a juventude, movimentos sociais e para amplas parcelas da população que despertam para as lutas políticas. É fundamental conquistar uma nova geração de militantes socialistas para o PT.

5 A tendência Democracia Socialista se estrutura em coletivos de participação e coordenação. A participação na tendência é aberta aos militantes do Partido dos Trabalhadores e implica em compromissos militantes com a construção do PT e com a construção da tendência. Esses compromissos incluem a contribuição regular com o PT e participação em uma de suas instâncias; a contribuição regular com a tendência, conforme as definições de suas Conferências Nacionais e Estaduais, e a participação em um de seus espaços de discussão e coordenação.

A DS realiza Conferências Nacionais para a tomada de posições gerais, e estas elegem sua Coordenação Nacional. Nos âmbitos estadual, municipal e setorial, igualmente, desenvolve-se esse processo organizativo.

Nosso jornal, *Democracia Socialista-EmTempo*, intervém nos debates partidários. A sustentação e difusão do jornal fazem parte dos compromissos militantes da tendência.

A formação socialista não decorre apenas da participação política cotidiana, depende de um esforço específico de conhecimento da nossa realidade e das reflexões sobre a luta pela sua transformação. Em conjunto com o esforço partidário, buscando contribuir com ele, a tendência também realizará processos regulares de formação, como as escolas regionais, a publicação de materiais de formação e a organização de cursos de formação de base.

6 Nesta VIII Conferência Nacional da Democracia Socialista, a conclusão da unificação entre diversas correntes colocará em novo patamar o esforço de diálogo e de novas possibilidades de unificações com agrupamentos, personalidades e dirigentes petistas que se aproximam das perspectivas que propomos. A própria Conferência e o processo de elaboração das nossas contribuições ao III Congresso são momentos importantes desse processo, promovendo a uma maior identidade política entre nós e viabilizando nossa intervenção concreta nos rumos do Partido dos Trabalhadores.



César Ogata

Teses sobre a questão internacional

América Latina. Aprofundar convergências e compreender a diversidade das experiências.

Num contexto de crescentes dificuldades do imperialismo estadunidense, é na América Latina que têm surgido os processos políticos capazes, a uma só vez, de: questionar a ordem mundial imposta pelo imperialismo dos EUA na saída da "Guerra Fria"; e apontar para a superação do neoliberalismo, retomando a perspectiva pós-capitalista, socialista.

Nos quase duzentos anos em que nossa região tem vida como nações independentes, esta conjuntura é a mais alvissareira em termos de seu potencial emancipador. No primeiro ciclo (1810-30), nossos países conquistaram sua independência política "formal", mas ficaram presos à dominação econômica do imperialismo ascendente - o da Inglaterra. No segundo ciclo (1930-50), houve esforços pela industrialização, mas acabaram se esterilizando na estratégia do "desenvolvimento associado" ao imperialismo - fundamentalmente, o estadunidense. Houve ainda um terceiro ciclo aberto pela revolução cubana (1959), que, no entanto, não conseguiu superar o cerco da sangue e repressão que as oligarquias e os governos dos EUA impuseram à região através das ditaduras militar.

Cenário novo

As novidades do processo atual são: acontece em vários países latino-americanos ao mesmo tempo; envolve algumas das principais economias da região (Brasil, Argentina, Venezuela); e suas forças motrizes (governos, partidos, movimentos sociais) compartilham um campo político comum.

Como em outros momentos históricos similares, neste, há também um elemento econômico propiciador: a alta conjuntural dos preços de matérias-primas e recursos energéticos existentes na região. Há um forte sentimento nacional de que é justo que nossas sociedades se beneficiem mais dessa vantagem - o que não é possível sob o programa neoliberal e a dominação imperialista.

Falamos de uma conjuntura e um processo regional, mas isso não deve ocultar que estamos falando de países e processos nacionais que têm profundas diferenças (não estamos discutindo aqui o caso cubano, que vem do ciclo anterior, mas que está em estreita aliança com os atores principais do atual):

* Brasil e Argentina são economias semi-industrializadas complexas e têm burguesias locais mais fortes e enraizadas que países como Venezuela, Bolívia e Equador, nos quais o Es-



Pedra no sapato do império. América Latina em processo de integração e articulação.

tado tem condições de controlar a principal atividade econômica (exploração de hidrocarbonetos, minérios, etc.), a qual suas burguesias parasitam.

* Esses processos políticos tiveram diferentes pontos de partida. Em alguns - Brasil, Uruguai, Nicarágua -, foram vitórias eleitorais em um ambiente de normalidade institucional. Em outros - Venezuela, Argentina, Bolívia, Equador -, as conquistas nas eleições foram precedidas e pavimentadas por profundas crises institucionais.

* Há casos em que as forças motrizes estão claramente lideradas por partidos políticos constituídos há tempos - Brasil, Uruguai, Nicarágua -, enquanto, em outros, a liderança do processo não é dos partidos - Venezuela, Equador, Argentina. Se analisarmos esses casos nacionais pelo viés das relações entre governo, partido(s), movimentos sociais e participação popular, teremos outro tanto de diferenças. Também são diferentes as perspectivas do desenvolvimento de formas participativas de poder.

* No Brasil, na Argentina e na Nicarágua, conquistou-se a presidência, mas não uma maioria no parlamento. Em consequência disso, a questão da governabilidade coloca o dilema de como conseguir maiorias legislativas. Na Venezuela, no Uruguai e na Bolívia, os setores progressistas conseguiram ambas. Junto com o problema da maioria eleitoral vem o da relação com as classes médias, conceito vago que abrange tanto profissionais liberais,

empresários médios e pequenos e até setores da classe trabalhadora com melhores níveis de remuneração. Em processos anteriores (Cuba, 1959 e Chile, 1970), o imperialismo estadunidense manipulou amplamente o caráter ambíguo das classes médias (inicialmente democráticas, mostram pavor frente a emergência política dos setores populares mais pobres).

* A tentativa - realizada simetricamente tanto por analistas conservadores como por setores esquerdistas - de "bloquear" as experiências por meio de dicotomias do tipo "revolucionários X reformistas" ou "atrasados/populistas X modernos/adaptados neoliberais" impede a compreensão correta da situação e, se levada a sério, bloquearia o processo e não o desenvolveria.

* Em todos os casos citados, observam-se melhorias nas condições de vida da população. Por isso, o eleitorado tende a propiciar sua continuidade (na esteira dessa tendência, Chávez e Lula foram recentemente reeleitos).

Integração necessária

O elemento que reúne todos esses processos é a necessidade da integração regional. Somente a complementaridade entre todos esses países poderá criar as condições para que se desenvolva uma dinâmica de superação do neoliberalismo e da dependência, para que se enfrente o imperialismo com chances de vitória, e se estabeleça um projeto alternativo.

A integração regional pode



somar as capacidades técnicas e científicas dos setores de trabalhadores mais especializados, a base tecnológica e industrial construída nos períodos anteriores (sobretudo de Brasil e Argentina), a enorme disponibilidade de recursos naturais e energéticos, criando um bloco econômico e político em condições de afirmar uma política própria. Defendemos que, para ser consequente, a luta pela superação do neoliberalismo e da dependência, bem como a luta para derrotar o imperialismo, têm de ter uma perspectiva socialista. Contudo, a maneira como essas dimensões vão se combinar dependerá de cada processo nacional, suas peculiaridades, suas forças motrizes, sua história.

A questão-chave para que o atual ciclo de lutas por emancipação nacional e social tenha êxito é a construção de um amplo movimento político e social em âmbito regional. Temos as ferramentas iniciais para isso, elas foram construídas no período anterior, na resistência. No plano partidário, o Foro de S. Paulo vem, desde 1990, reunindo um amplo leque de partidos progressistas e de esquerda, e inclui todas as forças políticas

que impulsionam os processos acima citados. No Fórum Social Mundial/Fórum Social das Américas, têm-se reunido também os mais diversos setores sociais (e parlamentares e autoridades locais) que rechaçam o neoliberalismo.

Em ambos os casos, no entanto, faz-se necessário ir além da cultura de fóruns, de funcionamento de tipo "espaços" (aberto, como o FSM/FSA ou delimitado, como o FSP), para um grau de aprofundamento dos debates, das convergências concretas e dos compromissos sobre um programa e uma agenda de lutas. Redes e movimentos continentais (Via Campesina/CLOC, Marcha Mundial das Mulheres, Aliança Social Continental/Campanha Continental contra ALCA, ORIT/Fórum Sindical das Américas etc.) apontam para essa direção.

Porém, devem-se descartar tentações que esterilizaram o internacionalismo no século passado. Não há nem deve haver "partido-guia" ou "país-farol". A construção deve ser de uma direção política coletiva e compartilhada, respeitosa dos diversos ritmos e da diversidade político-ideológica que compõe esse ciclo.